



1968 - Trabalho Completo - XII ANPEd-SUL (2018)
Eixo Temático 21 - Trabalho e Educação

Narrativas docentes sobre a (in)satisfação na carreira no stricto sensu em Educação
Jordana Wruck Timm - URI - Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Luci Mary Duso Pacheco - UNIVERSIDADE REGIONAL INTEGRADA DO ALTO URUGUAI E DAS MISSÕES
Agência e/ou Instituição Financiadora: CAPES

Resumo: Com base nas narrativas singulares de docentes que lecionam na pós-graduação *stricto sensu*, o presente texto teve por objetivo analisar os fatores relacionados à (in)satisfação na carreira docente, a partir dos distintos períodos do ciclo de vida profissional e da vida pessoal de professores que lecionam nesse nível de ensino. A entrevista de narrativa (auto)biográfica foi adotada como instrumento de pesquisa e aplicada com quatro professoras, cujas narrativas elucidam suas experiências nos distintos ciclos de vida profissional. Os dados coletados foram analisados com base na análise de narrativas, fundamentada na análise de discurso. Foi realizada triangulação teórica para discussão e análise dos dados com base nas teorias do ciclo de vida profissional, modelo de desenvolvimento profissional e vida adulta. Como principais conclusões, se destacam as similaridades nas narrativas, mesmo com as singularidades de cada docente, tanto no que se refere a características do ciclo vivenciado, como do fator relacionado à idade cronológica. A dimensão humana, o contexto, a organização institucional e as atividades inerentes à profissão, aparecem como principais fatores ou motivos de (in)satisfação na carreira.

Narrativas docentes sobre a (in)satisfação na carreira no stricto sensu em Educação

?

Resumo: Com base nas narrativas singulares de docentes que lecionam na pós-graduação *stricto sensu*, o presente texto teve por objetivo analisar os fatores relacionados à (in)satisfação na carreira docente, a partir dos distintos períodos do ciclo de vida profissional e da vida pessoal de professores que lecionam nesse nível de ensino. A entrevista de narrativa (auto)biográfica foi adotada como instrumento de pesquisa e aplicada com quatro professoras, cujas narrativas elucidam suas experiências nos distintos ciclos de vida profissional. Os dados coletados foram analisados com base na análise de narrativas, fundamentada na análise de discurso. Foi realizada triangulação teórica para discussão e análise dos dados com base nas teorias do ciclo de vida profissional, modelo de desenvolvimento profissional e vida adulta. Como principais conclusões, se destacam as similaridades nas narrativas, mesmo com as singularidades de cada docente, tanto no que se refere a características do ciclo vivenciado, como do fator relacionado à idade cronológica. A dimensão humana, o contexto, a organização institucional e as atividades inerentes à profissão, aparecem como principais fatores ou motivos de (in)satisfação na carreira.

Palavras-chave: Ciclo de vida profissional. Trabalho docente. Satisfação. Insatisfação. Narrativas (auto)biográficas. *Stricto sensu* em Educação.

Introdução

O trabalho docente, por muitos, não é mais visto e nem vivido como em décadas passadas. Ser professor era uma questão de status –em especial a dos docentes universitários–, considerada uma profissão nobre e digna de respeito. Atualmente, a docência não perdeu sua relevância –sem dúvida–, no entanto não é mais tão reconhecida e valorizada como antes e como merecia ser. A intensificação, a precarização e a proletarização da profissão docente têm sido, nos últimos anos, alvo de constante debate. Produtividade, competição, assédio moral, sobrecarga de trabalho, ranqueamento, publicação constante e titulação, têm sido, frequentemente, citados como estressores para quem leciona, atualmente, na docência na Educação Superior.

Isso pode refletir negativamente tanto na vida pessoal (exaustão física e emocional, irritabilidade, ansiedade, picos de raiva e/ou tristeza, estresse), como na vida profissional (Síndrome de Burnout, transtornos mentais, entre outros). A discussão gerada se deu a partir de como isso pode influenciar para o bem e/ou mal-estar desses profissionais em distintos períodos do ciclo de vida profissional e como esse cenário pode desencadear (in)satisfações na vida dos professores.

Com esse pano de fundo, o seguinte problema de pesquisa instigou a realização deste estudo: A partir das narrativas (auto)biográficas de vida ocupacional de docentes que lecionam na Pós-Graduação *stricto sensu* em Educação, o que relatam os mesmos como fatores de (in)satisfação na carreira, considerando o contexto, a faixa etária e o ciclo de vida profissional em que estão inseridos? Para tanto, este estudo teve o objetivo de analisar os fatores relacionados à (in)satisfação na carreira docente, a partir dos distintos períodos do ciclo de vida profissional e da vida pessoal de professores que lecionam nesse nível de ensino

A (in)satisfação na carreira docente

As questões relacionadas a (in)satisfação na carreira docente, estão compreendidas, neste estudo, como um dos vieses do bem e mal-estar ou mesmo no processo de saúde-adoecimento relacionado a carreira. Interessante destacar que o que determina e condiciona o processo saúde-adoecimento na classe docente é complexo e configura um processo, considerado por Seidi e Zannon (2004), contínuo que se relaciona a aspectos diversos, entre eles: os econômicos, socioculturais, à experiência pessoal e o estilo de vida.

Dentro desse processo, Oliveira Júnior (2012) ao pesquisar sobre as representações sociais de saúde e doença, encontrou para a saúde, a partir de sua análise, o cuidado com o corpo e alimentação e resistência à medicalização. Por outro viés, visando às questões de saúde e bem-estar, Mosquera e Stobäus (2006) defendem que todo ser humano tem necessidade de ser valorizado positivamente ou de ter autoestima positiva, sendo que isso só pode ser aprendido a partir da interiorização ou introjeção de experiências externas de valorização. Assim, para uma personalidade sadia, a imagem pessoal, o desempenho e os elementos motivacionais precisam ser levados em conta

(MACIEL, 2009a).

Nesse ínterim, Borsoi (2012) esclarece que há sentimentos positivos na docência e estes estão relacionados a um sentido mais intrínseco e subjetivo do profissional dessa área. Geralmente, aqueles aspectos em que os professores têm maior grau de controle, já que está relacionado ao principal objetivo da docência e à forma como se veem como profissionais.

Por esse viés, a autora sinaliza alguns comentários frequentes como positivos, gratificantes, prazerosos e que são considerados como trunfos na carreira docente: a relação com os estudantes, a natureza do próprio trabalho, o contato com os alunos e a possibilidade de acompanhá-los no amadurecimento intelectual. É interessante, pois esse quesito, a maioria das vezes, é considerado como o deleite e a compensação do seu trabalho, já que se pode perceber a importância do mesmo na vida de pessoas que estão se preparando para o mercado de trabalho e, também, por não ter aqui a pressão pela produtividade (BORSOI, 2012).

Oliveira Júnior (2012) ao pesquisar sobre as representações sociais de saúde e doença, encontrou para doença, a partir de sua análise, o acúmulo de trabalho, o tempo de formação em Programa de Pós-Graduação como requisito para o cargo, a relação com os pares e as jornadas de trabalho inflacionadas. De acordo com Carlotto (2004), na tentativa de atender às expectativas e necessidades da sociedade atual é que o papel do professor tem se modificado, sendo que esta nova configuração de trabalho docente, tanto pode conduzir a situações de enriquecimento e motivação para o trabalho, como, também, pode ocasionar ou incrementar em determinados fatores de estresse relacionados à profissão.

Nesse sentido, ao tomar o processo de mercantilização da educação superior como referência, Bosi (2007) buscou identificar e problematizar os aspectos principais da precarização do trabalho do professor, classificando em três aspectos: (a) a crescente força de trabalho docente que ocorreu, especialmente, no setor privado e em novas universidades estaduais, nas quais são precárias as existentes condições de trabalho e de contrato; (b) a mercantilização das atividades de ensino, pesquisa e extensão nas IES públicas; e (c) a adoção de critérios exclusivamente quantitativistas para a avaliação da produção do trabalho docente e suas consequências" (BOSI, 2007, p. 1503).

Ainda para o autor (2007), o panorama do mundo laboral é composto por aspectos relacionados à precarização do trabalho, às crescentes exigências de metas e à qualidade de excelência produtivista. Além do mais, segundo Maciel (2009b), cada vez mais, a pessoa do educador é vista como candidato ao estresse ocupacional, estando sujeito às doenças laborais decorridas da inadaptabilidade às mudanças sociais (partindo desde o aceleramento dos ritmos, movimentos e exigências que o mundo do trabalho tem imposto). Cansaço, adoecimento, desvalorização, desafio, dificuldades, precarização, excesso de trabalho, reclamações foram as expressões mais comuns que ilustraram a percepção dos docentes, os quais indicaram o caráter de denúncia da precarização, no estudo realizado por Kimura, Silveira e Gonçalves (2015).

Assim, o professor universitário é caracterizado pela diversidade, pluralidade de opções, de caminhos, de alternativas, de interesses e de tensões (CARLOTTO, 2004). Tratando das tensões, o mal-estar na docência – expressão empregada, por Esteve (1999) para descrever os efeitos permanentes de caráter negativo que afetam a personalidade docente –, é considerado resultado das condições psicológicas e sociais em que o profissional exerce suas funções, por conta da mudança social acelerada.

Além disso, o próprio trabalho em sala de aula pode ser gerador de instabilidade no processo saúde-adoecimento. Grillo (2008) ao escrever sobre a instabilidade do contexto da aula como uma das ideias-chave mobilizadoras da docência, afirma que cada vez mais o reconhecem como incerto, singular, heterogêneo (características da vida da aula, como nomeia a autora), tornando inaceitável a racionalidade que garante o que pode dar certo, de uma metodologia infalível e/ou de uma teoria que possa comandar uma prática.

Para Pimenta e Anastasiou (2014), as novas demandas apresentadas aos profissionais da educação, que na maioria das vezes os sobrecarrega, têm impulsionado pesquisas na área. Para elas, essas demandas surgiram da preocupação com a qualidade dos resultados obtidos da Educação Superior, revelando a importância de seus docentes estarem preparados política, científica e pedagogicamente. O trabalho docente é uma profissão em contínua evolução, a qual é afetada pelas contínuas mudanças sociais (ESTEVE, 2003).

Essas mudanças podem gerar uma crise de identidade, já que as mesmas afetam a aspectos considerados substanciais para compreender a profissão, como: o aumento de exigências, a diversificação de fontes de formação e informação, a necessidade de revisão contínua dos currículos escolares e os programas formativos (e por ele dos currículos de formação e desenvolvimento dos profissionais), as novas condições laborais, a mudança no modelo de interação aluno-professor e a fragmentação do rol docente (FERNÁNDEZ CRUZ, 2015). Assim, "Podemos ainda considerar uma suposta crise de identidade profissional do professor, cujo principal aspecto refere-se às mudanças radicais que atingem o mundo do trabalho", tais mudanças têm redimensionado os papéis desempenhados pelo docente, o que pode sugerir uma crise de identidade. Desta forma, conforme as autoras, compreendendo que toda profissão sustenta uma identidade, faz entender que exista uma identidade profissional docente, uma maneira construída de ser professor. "Ao falarmos em crise da identidade profissional do professor, estamos nos referindo a uma crise na maneira e no jeito de ser professor" (MELO, NUNES, NASCIMENTO; SANTOS, 2013, p. 50).

Essas mudanças radicais que atingem o mundo do trabalho, conforme Seligmann-Silva, Bernardo, Maeno e Kato (2010) decorrem da globalização financeira, da mundialização da precarização social, junto com as inovações tecnológicas e as novas formas de gestão. Bianchetti e Machado (2013) também afirmam que o prolongamento e a intensificação do trabalho e sua jornada dos envolvidos, em especial, em Programas de Pós-Graduação tem gerado consequências graves para a vida e para a ciência. Além disso, a desvalorização social a que o professor tem sido acometido é notória, como exemplos Maciel (2009a) cita a falta de posicionamento da sociedade frente às greves do magistério, seja na escola ou na universidade, sendo que o resultado dessa crise reflete nas salas de aula de todo país.

Carlotto (2004) afirma que as frustrações são similares entre os docentes, independente do nível de ensino em que o professor atua, entre elas: a pressão do tempo, as classes com grande número de alunos, as excessivas demandas burocráticas, a falta de suporte administrativo e o exercício de vários papéis. Em sua pesquisa, Carlotto (2004) constatou que entre os professores universitários, foi apontado como principal fator gerador de estresse e burnout, a pressão para o desenvolvimento de pesquisas e para a publicação científica.

Inclusive, em outra pesquisa, Carlotto (2010) ao investigar sobre a SB e as diferenças segundo os níveis de ensino encontrou os professores universitários como um dos que apresenta o menor índice em relação a sua realização profissional, perdendo apenas para os professores do Ensino Médio. Já Caran, Secco, Barbosa e Robazzi (2010) atribuem essa variação conforme o nível de ensino à passividade de ocorrência de assédio moral nos ambientes universitários, por conta, em especial, da competitividade e rivalidade que ocorrem entre as pessoas e os grupos de pesquisa. (CARAN; SECCO; BARBOSA; ROBAZZI, 2010).

Borsoi (2012), também, conclui que as condições de trabalho têm feito com que os professores expressem mais sentimentos negativos do que positivos em relação à sua atividade e à própria universidade, já que, muitas vezes, essas condições somam-se à sobrecarga laboral, exigências de produtividade e ao clima competitivo. As queixas de doença em relação às condições de trabalho docente também foram observadas por Souza, Rodrigues, Paula, Catelli e Teixeira (2014) e Garcia, Oliveira e Barros (2008) que atribuem tais queixas, sobretudo, a desvalorização e competitividade vivenciadas no trabalho.

Borsoi (2012) afirma que, de alguma forma, os trabalhadores dos setores de atividades produtivas e/ou serviços estão submetidos à precarização de trabalho, como mencionado anteriormente. No entanto, para a autora, a intensidade pode ter grau maior ou menor conforme a modalidade de vínculo de trabalho (público ou privado, terceirizado ou não, formal ou informal), a capacidade de mobilização dos

trabalhadores e, justamente, o nível de qualificação dos mesmos.

Nesse sentido, Mancebo, Maués e Chaves (2006) defendem que a organização do trabalho docente, em especial na Educação Superior no Brasil, tem sido afetada pelos sucessivos governos brasileiros neoliberais em virtude da implementação de uma reforma estrutural que vêm acontecendo nas universidades por meio de um intenso processo de privatização. Assim, o trabalho docente no país vem se configurando. As novas ordenações assumidas pelo estado brasileiro e as decorrentes políticas implementadas para a Educação Superior parecem atingir duplamente as atividades docentes. Por um lado, configurado como trabalhador de um sistema produtivo-industrial, o docente se percebe imerso em uma nova organização do trabalho. Por outro, vê o produto do seu trabalho –fundamental na dinâmica do novo funcionamento socioproductivo–, também ser afetado.

Nesse sentido, conforme as autoras, essas mudanças afetam em cheio o trabalho docente, as quais forçam o ritmo da produção, incrementam as atividades a serem realizadas, instituem horários atípicos que aceleram o desempenho das atividades e o aprofundamento de uma dinâmica considerada produtivista-consumista. Tudo isso, induz a apressar práticas como a leitura, cursos, formação de mais alunos em menor tempo, o que provoca uma redução no tempo de convivência e no campo coletivo de criação com o texto, tema, colegas e professores (MANCEBO; MAUÉS; CHAVES, 2006).

Portanto, além da questão da precariedade, da privatização e do produtivismo, a intensificação do trabalho docente também se torna palavra chave nesse processo. Além do trabalho desenvolvido na instituição (que já é bastante), os profissionais docentes, geralmente, levam trabalho para além do espaço institucional (MACIEL, 2009b). Borsoi (2012) afirma que essa profissão tem natureza que permite sua realização, em parte, fora do ambiente da instituição; que extrapola os limites da jornada regimental contratada; que impossibilita a visibilidade óbvia do produto do seu trabalho; que depende de condições especiais para de fato ser efetivado, como no caso da preparação das aulas e elaboração de textos e artigos científicos; etc.

Características como essas contribuíam para que o profissional docente não se percebesse como um trabalhador típico, o que foi se modificando conforme a necessidade das instituições públicas em adotar princípios e critérios de gestão já adotados no setor privado, como: a política produtivista, o estímulo a competição, a exigência de maior qualificação profissional, entre outras (BORSOI, 2012). A autora atribui muito disso à dimensão imaterial do trabalho por excelência dos docentes. Esse sentimento de produtividade tem-se reduzido ao quantificável/palpável. Há uma necessidade de o trabalho intelectual realizado pelo docente se materializar.

Ainda assim, convém destacar que, conforme Barata (2005), o estado de saúde é determinado pela trajetória pessoal moldada pelo contexto social e pelas condições materiais de vida. Ou seja, uma mesma atividade pode representar saúde ou doença para indivíduos distintos, dependendo de como essa atividade é centrada na vida dessa pessoa e de sua trajetória pessoal, e essa pesquisa, teve o intuito, justamente, de ouvir as pessoas em suas singularidades –como apresentamos na sequência–, buscando perceber como os fatores aqui apresentados refletem na vida de cada um. Se por um lado o resultado das transações biográfica e relacional podem conduzir a uma forte identificação com o local e pessoas do trabalho, por outro, essa identificação pode ser frágil, o que provocaria a ruptura e/ou o abandono da profissão (DUBAR, 1992; FERNÁNDEZ CRUZ, 1995).

Percurso metodológico

É um estudo com delineamento qualitativo, em nível interpretativo, através de entrevistas em profundidade, de cunho (auto)biográfico. Tem como participantes, quatro professoras que atuam no stricto sensu em Educação, uma para cada ciclo, com exceção do primeiro ciclo, pela questão de idade/tempo de profissão no referido nível de ensino. Inicialmente, a primeira professora foi encontrada mediante busca na Plataforma Lattes e, posteriormente, através do método “bola de neve” (TURATO, 2003), a partir de indicação das próprias professoras. Todas atuam na rede privada em instituições localizadas na região sul do país.

O instrumento de pesquisa consistia numa entrevista, a mesma estava subdividida em três etapas, sendo que a primeira privilegiava questões relacionadas aos aspectos sociodemográficos e laborais, a segunda consistia na fala livre das entrevistas sobre sua história de vida ocupacional e a terceira continham perguntas dirigidas. As entrevistas tiveram duração de 1h30 a 3h cada. Foram gravadas e transcritas. Os nomes adotados são fictícios e foram escolhidos com base em árvores nativas, representando a força e a pertinência de ambas (árvores e docentes) para a sociedade.

A análise dos dados, realizada conforme Huberman e Miles (1994), contem três subprocessos ligados entre si: redução dos dados, exibição dos dados e extração de conclusões e verificação. O terceiro momento foi confrontado com a perspectiva de concordância/discordante (RICOEUR, 2012). Ainda tratando dos procedimentos, quanto a análise dos dados, Huberman e Miles (1994) indicam dois tipos de análises: a intra-caso e a entre casos. Para o presente estudo, as narrativas foram analisadas, em um primeiro momento, individualmente e, posteriormente, cruzadas a partir de cada narrativa, através do mesmo período de atuação na carreira docente, com sustentação e triangulação entre as teorias do ciclo de vida profissional (HUBERMAN, 2013), modelo de desenvolvimento profissional (FERNÁNDEZ CRUZ, 1995) e vida adulta (MOSQUERA, 1987).

As entrevistas: o contexto das narrativas

Acácia, Uvaia, Oiti e Eugenia, nascidas em 1944, 1965, 1967 e 1959, respectivamente. No momento da entrevista, Acácia tinha 71 anos de idade, 50 anos de docência, sendo 40 destes na educação superior e 19 no stricto sensu. Uvaia tinha 50 anos de idade, 22 anos de docência, dos quais 17 eram na educação superior e 7 no stricto sensu. Eugenia com 48 anos, há 32 era docente, sendo 4 anos na educação superior e no stricto sensu. Oiti com 56 anos, lecionava há 27 na educação superior e 3 no stricto sensu.

As quatro entrevistas foram realizadas em dezembro de 2015, pela autora do presente trabalho. Eugenia é divorciada e as demais casadas. Uvaia foi a única entrevistada sem filhos. Acácia e Oiti são graduadas e mestres na área das Ciências Humanas, enquanto Uvaia e Eugenia tiveram essa formação na área das Ciências da Vida e Exatas. As quatro são Doutoradas em Educação. No momento da entrevista, Acácia estava prestes ao desligamento da profissão e, portanto, estava lecionando com carga horária reduzida (20h), enquanto as demais lecionavam 40h semanais. Acácia e Oiti estavam lecionando em dois Programas de Pós-Graduação, concomitantemente.

Análise e discussão dos resultados

As narrativas das professoras com mais e menos tempo de profissão apresentaram mais semelhanças, embora com especificidades, as quais nitidamente se dão pelo tempo de docência. Na fala das professoras Eugenia e Acácia, a dimensão humana aparece para descrever os fatores de satisfação e de insatisfação na carreira. Uvaia já relaciona esses fatores ao contexto a organização do mesmo. Enquanto Oiti atribui às atividades oriundas de sua profissão. A figura do aluno apareceu de forma positiva nas narrativas das quatro professoras.

Sobre a satisfação no trabalho, Eugenia inicia contando que:

Satisfação é ver o resultado final de um aluno. No contexto atual é você pegar um estudante de Doutorado ou estudante de Mestrado, ali onde ele não sabe escrever muito bem, não sabe montar um projeto e quando você percebe ele vai para defesa e tem um projeto maravilhoso, onde a banca diz que 'isso não é um projeto de Dissertação, isso já é quase uma Tese', então isso é uma satisfação muito grande, você ver o trabalho dando frutos (EUGENIA, informação verbal).

Para ela, aluno é sempre aluno, independente da idade, considera muito bom ter alunos, afirmando que quanto mais você cobra deles, mais eles costumam trabalhar. Eugenia explica que –não com todos, mas com a maioria–, quanto mais o professor 'puxa' o aluno, mais ele trabalha, mais eles respondem positivamente. Para ela, o aluno gosta de ser 'puxado'.

Acácia também apresenta uma dimensão mais humana para atribuir aos fatores de satisfação ou insatisfação no trabalho docente, mas afirma que "[...] também depende da fase, [...], cada fase tem estresse e tem satisfações. Eu estou numa fase que tenho mais satisfações do que estresse, pois a gente já vai muito mais solto, muito mais tranquilo" (ACÁCIA, informação verbal).

Ela diz se sentir em um período da profissão em que tem muito mais segurança, muito mais reflexões e, portanto, ao participar de eventos, não tem aquela preocupação em organizar uma apresentação no power point como antes fazia. Porém, apesar de não ser um problema enfrentado por ela, acredita que em outras fases da carreira teria mais insegurança, menos acúmulo de reflexões, mais preocupações, principalmente na forma como os outros a perceberiam no sentido de afirmação profissional, o que poderia ser um fator de estresse no trabalho.

Acácia recorda que, apesar de estar lecionando em uma instituição privada, a maior parte da sua carreira foi no setor público, o que gerava certa estabilidade –apesar de não receber financiamento o tanto quanto na rede privada, tinha uma sensação de garantia– e, portanto, tinha mais coragem para fazer uma série de coisas que não saberia se quem constrói sua trajetória na rede privada teria a oportunidade de fazer, pois as vezes tem que se submeter mais a determinadas diretrizes, enfim. No entanto, foram esses percursos que deram origem ao que ela pesquisa e desenvolve na Pós-Graduação atualmente. Inclusive, prestes a se aposentar, Acácia a discursa como fator de satisfação a existente cultura dos grupos de pesquisa.

Oiti, que ingressou na docência, diretamente na Educação Superior e tem apenas três anos de atuação na Pós-Graduação, diferente da professora recém mencionada, atribui a percepção de satisfação, sobretudo, às atividades desempenhadas e ao gosto pelas mesmas. Ela revela:

[...] eu amo o que eu faço, as atividades que eu desenvolvo hoje eu amo todas elas, eu amo ser professora na sala de aula, eu amo orientação, eu gosto de tudo que envolve também as atividades de pesquisa, mesmo a produção, ela, pra mim, traz satisfação, é um ato criativo, traz aprendizagem, então assim, se eu fosse pensar nas atividades que eu desenvolvo hoje, vinculadas ao meu trabalho como professora, pesquisadora, educadora, eu gosto de tudo o que eu faço, me traz muita satisfação (OITI, informação verbal).

Já Uvaia –que leciona há 17 anos na Educação Superior e destes, 7 na Pós-Graduação– confere ao contexto/organização a responsabilidade pelas (in)satisfações com a docência. Ela tem experiência em três instituições, sendo uma pública, na qual lecionou por um período curto e as outras duas na rede privada, sendo uma delas onde atua até os dias de hoje. Toda sua fala sobre os fatores de insatisfação se referem, principalmente, às experiências tidas nessas duas universidades nas quais trabalhou anteriormente. E se mostra muito satisfeita na sua atual instituição.

Para Uvaia os fatores de estresse são a grande burocracia, a falta de critério e de organização, uma coordenação 'distante' e o espaço físico inadequado. Todas essas questões, quando não atendidas, geram muito desconforto. Todos esses fatores foram vivenciados pela professora Uvaia, de forma negativa, nas outras duas universidades em que lecionou. Já na sua atual instituição, ela reconhece que existe burocracia para tudo, mas que, no entanto, é perceptível os pedidos se concretizarem – explicando que o estresse acontece quando se tem que responder com burocracia para qualquer necessidade e nem sempre tê-la atendida.

A questão da falta de critério não é considerada por Uvaia o pior dos fatores, mas causa incômodo não ter critério na hora de selecionar, na hora de promover, "isso eu posso dizer que aqui não existe. Aqui tem critério. Então uma das coisas que me deixa feliz, é que tem burocracia, imensa, mas tem critério. [...]. Então isso é um fator positivo, que te dá animo, porque tu sabes que, em certa medida, tu estás tendo justiça" (UVAIA, informação verbal), se referindo a instituição em que leciona atualmente.

O espaço físico inadequado e a coordenação distante também são fatores de estresse na percepção de Uvaia que afirma que na instituição onde leciona o espaço é bom, além de ter com quem contar, já que a coordenação do PPG em que atua é presente, ativa e parceira, aberta ao diálogo, o que transmite tranquilidade. A organização é outro fator preponderante, conforme Uvaia, chegar para trabalhar e ter a chave disponível, o computador e o retroprojetor funcionando, ter o material necessário para a aula (canetão, apagador, chave do púlpito, som), "isso é um fator de bem-estar, é um fator que não gera estresse, é um fator que dá tranquilidade, tu saber que tu tens vários mecanismos que te garantem, minimamente, um espaço de trabalho adequado com as coisas que tu precisas" (UVAIA, informação verbal).

Sobre a insatisfação no trabalho docente, Eugenia narra que não é tanto na dimensão do aluno e, sim, com os próprios parceiros de trabalho, já que um bom número deles não sabe trabalhar em equipe. Ela diz que existem colegas que sabem trabalhar em equipe, que se empenham e trabalham junto, mas que tem aqueles que fingem dar aula –assim como tem aqueles alunos que fingem aprender. Eugenia também cita a desvalorização da comunidade, do contexto, da população em si e a desvalorização e o desrespeito da carreira docente, especialmente, pelo poder público, pelos governantes, como fatores de estresse, que causam incômodo e desgaste.

Já o que traz insatisfação para Oiti, está muito mais na relação do emprego, na relação da instituição, naquilo que é imposto hoje pela instituição internamente e pelas instituições externas –em termos de desempenho e produtividade então, eu acho que aí é onde, se existe um espaço de adoecimento é muito mais por não conseguir atingir o desempenho, os resultados de produtividade que são demandados tanto internamente quanto externamente. Então, para a professora Oiti, esse é o lado mais difícil de manter um certo equilíbrio para se manter relativamente saudável, que é muita pressão, o que torna difícil o docente se permitir um final de semana sem trabalhar, porque ele sempre se sente 'devendo'.

Oiti diz ter muita satisfação no que faz, inclusive na produção de um texto –o que considera um momento criativo– e mesmo quando recebe um parecer diferente do que imaginava, considera uma aprendizagem, uma oportunidade. Gosta inclusive daquele aluno que desafia, pois considera esse desafio uma satisfação. Não tem algo que a deixe triste ou insatisfeita nas atividades que faz, no entanto não gosta é desse tempo total de trabalho, esse tempo integral, essa questão de quando ultrapassa das 40h todas as demandas, todas as pressões que chegam e que, muitas vezes, acabam interferindo até na qualidade do trabalho desenvolvido, simplesmente porque uma publicação Qualis A é mais valorizada, quando, na verdade, tem muito sentido o trabalho de orientação, o trabalho em sala de aula. Então conseguir manter a qualidade em tudo o que é feito, é considerado por Oiti, um grande desafio, uma missão quase impossível. É esse lado que a deixa mais insatisfeita.

Assim como Acácia– Oiti também menciona a questão da maternidade e acredita que esses fatores que geram insatisfação podem implicar no projeto pessoal e familiar. O que por um tempo até é aceito, mas que num dado momento, pode deixar a pessoa mais intolerante para certas situações, especialmente, quando envolve tarefas a desempenhar fora do horário de trabalho, ou mesmo nos finais de semana e nas férias.

Oiti e Eugenia citam a pressão pela produção e compreendem que a mesma pode ser fator de estresse, especialmente, para os que lecionam a menos tempo no stricto sensu, já que a falta de publicação gera o descredenciamento nesse nível de ensino. Quem ingressa nessa

conjuntura têm consciência dessa exigência, no entanto, a cobrança, a pressão e o pouco tempo para tal, podem ser vistos como fator de insatisfação. Nesse sentido, Eugenia também aborda como fator de insatisfação a questão da hegemonia cobrada nas produções, compreendendo a necessidade de aproximação temática, mas criticando o engessamento demasiado exigido.

Tanto Uvaia, quanto Oiti alegam que o trabalho e o excesso de trabalho existem –e isso é inegável–, então cabe ao profissional saber gerenciar e tentar organizar, da melhor forma possível, as atividades a desempenhar. Acácia alertou, ao final de sua entrevista, que cada docente ao ser entrevistado, poderia dar diferentes respostas, narrar distintas situações “[...], vão ter diferentes perspectivas em função da faixa etária e na carreira” (ACÁCIA, informação verbal).

Conclusões

Com base nas narrativas das entrevistadas, é possível perceber –embora com especificidades– mais semelhanças nas narrativas das professoras com mais e menos tempo de carreira, o que, possivelmente, ocorre em virtude do tempo de docência como um todo. A dimensão humana aparece para descrever os fatores de satisfação e insatisfação no trabalho, nas falas de Eugenia e Acácia. Uvaia relaciona esses fatores ao contexto e organização da instituição a qual está/esteve vinculada. Já Oiti atribui os fatores de satisfação e insatisfação às atividades oriundas de sua profissão. Nesse momento da entrevista, a figura do aluno apareceu de forma positiva/satisfatória nas narrativas das quatro professoras.

De fato, tal como Acácia alertou –e como foi possível observar–, as considerações sobre a insatisfação e a satisfação se alteram conforme a faixa etária e o período da carreira que o profissional esteja vivenciando. A faixa etária –por conta dos atravessamentos históricos e políticos vivenciados pelos sujeitos e, também, pelas próprias questões corporais e maturacionais que se alteram com o passar dos anos e, que podem influenciar na vida pessoal/profissional. E, também tem relação com a forma como cada pessoa administra seu tempo –em relação às suas demandas– e sua predisposição para a saúde ou para o adoecimento.

Referências

- BARATA, Rita Barradas. Epidemiologia social. *Revista Brasileira de Epidemiologia*, São Paulo, v. 8, n. 1, p. 7-17, mar. 2005.
- BIANCHETTI, Lucídio; MACHADO, Ana Maria Netto. Trabalho docente no stricto sensu: publicar ou morrer?!. In: FIDALGO, Fernando; OLIVEIRA, Maria Auxiliadora M.; FIDALGO, Nara Luciene Rocha (Org.). *A intensificação do trabalho docente: tecnologias e produtividade*. 2. reimp. Campinas: Papyrus, 2013. p. 49-89.
- BORSOI, Izabel Cristina Ferreira. Trabalho e produtivismo: saúde e modo de vida de docentes de instituições públicas de Ensino Superior. *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho*, São Paulo, v. 15, n. 1, p. 81-100, jul. 2012.
- BOSI, Antônio de Pádua. A precarização do trabalho docente nas instituições de Ensino Superior do Brasil nesses últimos 25 anos. *Educação & Sociedade*, Campinas, v. 28, n. 101, p. 1503-1523, set./dez. 2007.
- CARAN, Vânia Cláudia Spoti; SECCO, Iara Aparecida de Oliveira; BARBOSA, Dulce Aparecida; ROBAZZI, Maria Lúcia do Carmo Cruz. Assédio moral entre docentes de instituição pública de ensino superior no Brasil. *Acta Paulista de Enfermagem*, São Paulo, v. 23, n. 6, p. 737-744, 2010.
- CARLOTTO, Mary Sandra. Síndrome de Burnout: diferenças segundo níveis de ensino. *Psico*, Porto Alegre, v. 41, n. 4, p. 495-502, out./dez. 2010.
- CARLOTTO, Mary Sandra. Síndrome de burnout e características de cargo em professores universitários. *RPOT - Revista Psicologia: organizações e trabalho*, Brasília, v. 4, n. 2, p. 145-162, jul./dez. 2004.
- DUBAR, Claude. Formes identitaires et socialisation professionnelle. *Revue Française de Sociologie*, Paris, v. 33, n. 4, p. 505-529, 1992.
- ESTEVE, José Manuel. *La tercera revolución educativa: la educación en la sociedad del conocimiento*. Barcelona: Paidós, 2003.
- ESTEVE, José Manuel. Mudanças sociais e função docente. In: NÓVOA, António (Org.). *Profissão professor*. Coleção Ciências da Educação (n. 3). 2. ed. Porto: Porto, 1999. p. 93-124.
- FERNÁNDEZ CRUZ, Manuel. *Formación y desarrollo de profesionales de la educación: un enfoque profundo*. USA: Deep University Press, 2015.
- FERNÁNDEZ CRUZ, Manuel. Ciclos en la vida profesional de los profesores. *Revista de Educación*, Madrid, n. 306, p. 153-203, 1995.
- GARCIA, Átala Lotti; OLIVEIRA, Elizabete Regina Araújo; BARROS, Elizabete Barros de. Qualidade de vida de professores do ensino superior na área da Saúde: discurso e prática cotidiana. *Cogitare Enfermagem*, Curitiba, v. 13, n. 1, p. 18-24, jan./mar. 2008.
- GRILLO, Marlene Corroero. O professor e a docência: o encontro com o aluno. In: ENRICONE, Délcia (Org.). *Ser professor*. 6. ed. Porto Alegre: EdUPUCRS, 2008. p. 55-66.
- HUBERMAN, Michaël. O ciclo de vida profissional dos professores. In: NÓVOA, António (Org.). *Vidas de professores*. Coleção Ciências da Educação (n. 4). 2. ed. Tradução de Maria dos Anjos Caseiro e Manuel Figueiredo Ferreira. Porto: Porto, 2013. p. 31-61.
- HUBERMAN, Michael; MILES, Matthew B.. Métodos para el manejo y análisis de datos. In: DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. (Eds.). *The sage handbook of qualitative research*. Tradução do capítulo por Julieta García Hamilton. Canadá: Sage publications, 1994. Disponível em: <<http://studylib.es/doc/6798166/documento-de-c%C3%A1tedra-n%C2%B01---metodolog%C3%ADa-de-la-investigaci%C3%B3n...>>. Último acesso em: 2017.
- KIMURA, Patrícia Rodrigues de Oliveira; SILVEIRA, Andrea Pereira; GONÇALVES, Arlete Marinho. Imagens e significados do trabalho docente: representações sociais de professores. In: XII Congresso Nacional de Educação - EDUCERE, 12, 2015, Paraná. *Anais...* 2015.
- MACIEL, Adriana Moreira da Rocha. O processo formativo do professor no ensino superior: em busca de uma ambiência (trans)formativa. In: ISAIA, Sílvia Maria de Aguiar; BOLZAN, Doris Pires Vargas; MACIEL, Adriana Moreira da Rocha (Org.). *Pedagogia universitária: tecendo redes sobre a educação superior*. Santa Maria: Editora da UFSM, 2009a. p. 63-77.
- MACIEL, Adriana Moreira da Rocha. Desenvolvimento e realização do profissional docente: a saúde emocional no processo autoeducativo. In: ISAIA, Sílvia Maria de Aguiar; BOLZAN, Doris Pires Vargas; MACIEL, Adriana Moreira da Rocha (Org.). *Pedagogia universitária: tecendo*

redes sobre a educação superior. Santa Maria: Editora da UFSM, 2009b. p. 149-162.

MANCIBO, Deise; MAUÉS, Olgaíses; CHAVES, Vera Lúcia Jacob. Crise e reforma do Estado e da Universidade Brasileira: implicações para o trabalho docente. *Educar em revista*, Curitiba, v. 22, n. 28, p. 37-53, jul./dez. 2006.

MELO, Geovana Ferreira; NUNES, Dalma Persia Nelly Alves; NASCIMENTO, Jaqueline da Silva; SANTOS, Patrícia Peixoto dos. A construção da docência na educação superior: em foco a identidade profissional. In: D'ÁVILA, Cristina Maria; VEIGA, Ilma Passos Alencastro (Org.). *Profissão docente na educação superior*. Curitiba: CRV, 2013. p. 45-54.

MOSQUERA, Juan José Mouriño. *Vida adulta: personalidade e desenvolvimento*. 3 ed. rev. Porto Alegre: Sulina, 1987.

MOSQUERA, Juan José Mouriño; STOBÄUS, Claus Dieter. Auto-imagem, auto-estima e auto-realização: qualidade de vida na universidade. *Psicologia, Saúde & Doenças*, Lisboa, v. 7, n. 1, p. 83-88, jul. 2006.

OLIVEIRA JÚNIOR, Mario Balduino de. *Representações sociais de saúde e doença de professores de uma universidade pública de Mato Grosso do Sul*. 2012. 109f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Faculdade de Psicologia, Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande, 2012.

PIMENTA, Selma Garrido; ANASTASIOU, Léa das Graças Camargos. *Docência no Ensino Superior*. Coleção docência em formação/Ensino Superior. 5. ed.. São Paulo: Cortez, 2014.

RICOUER, Paul. Entre tempo e narrativa: concordância/discordância. Tradução de João Batista Botton. *Kriterion*, Belo Horizonte, n. 125, p. 299-310, jun. 2012.

SEIDI, Eliane Maria Fleury; ZANNON, Célia Maria Lana da Costa. Qualidade de vida e saúde: aspectos conceituais e metodológicos. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 20, n. 2, p. 580-588, mar./abr. 2004.

SELIGMANN-SILVA, Edith; BERNARDO, Márcia Hespagnol; MAENO, Maria; KATO, Mina. O mundo contemporâneo do trabalho e a saúde mental do trabalhador. *Revista Brasileira de Saúde Ocupacional*, São Paulo, v. 122, n. 35, p. 187-191, jul./dez. 2010.

SOUZA, Marilei de Melo Tavares e; RODRIGUES, Lilia Marques Simões; PAULA, Rogéria Costa de; CATELLI, Marcelo Flores; TEIXEIRA, Rodrigo da Silva. Reflections on the health of faculty in institutions of Higher Education. *Journal of research: fundamental care online*, Rio de Janeiro, v. 6, n. 2, p. 805-811, abr./jun. 2014.

TURATO, Egberto Ribeiro. *Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa: construção teórico-epistemológica, discussão comparada e aplicação nas áreas da saúde e humanas*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.